

**DO “BARÃO” IMPERIAL AOS VENTOS DA “ANGÉLICA” REPÚBLICA:
o fenômeno literário como *lugar de memória* em “O Monstro”, de Josué Montello**

**FROM THE IMPERIAL “BARON” TO THE WINDS OF THE “ANGÉLICA”
REPUBLIC: the literary phenomenon as a place of memory in “O Monstro”, by Josué
Montello**

Danielle Castro da Silva⁵²
Márcia Manir Miguel Feitosa⁵³

RESUMO: O artigo busca examinar a construção do espaço em *O monstro*, de Josué Montello, como *lugar de memória*, a partir do ambiente ficcional representado pelo lar da personagem Jerônimo. Para tanto, adotam-se as concepções de *lar*, de Relph (2014), de *casa*, de Bachelard (2008), de *topofilia*, *apinhamento e espaciosidade*, de Tuan (2012;2013), de *memória*, a partir de Halbwachs (1990), Pollak (1992) e Ricoeur (2007), e de *lugar de memória*, de Nora (1993), além do olhar de Cândido (2009) sobre *a personagem de ficção* e o sentido do real. A narrativa versa sobre a história de Jerônimo, solteiro convicto, que sai da Bahia para o Rio de Janeiro em busca de uma vida pacífica de funcionário público, paz que é abalada com a chegada de sua mãe, Angélica, que altera toda a dinâmica da sua casa e dos rumos da sua vida. Trabalha-se sobre a ideia da construção metafórica de uma disputa entre uma reminiscência imperial e os novos ares republicanos, contexto em que a obra se situa no tempo histórico brasileiro, buscando observar de que maneira o espaço do lar de Jerônimo corresponde à construção de um *lugar de memória* imperial, em contraposição às alterações empreendidas nesse ambiente por sua mãe.

Palavras-chave: *O monstro*. Josué Montello. Literatura. Lugar de Memória.

⁵² Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (Estudos Teóricos e Críticos em Literatura). Membro do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT) - UFMA (CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários (GRIFO) - UFMA (CNPq). Membro do Grupo de Estudos Literatura e Ditaduras (GELD) - PUC - SP. Especialista em Letras Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Santa Fé. É graduada em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). É professora de Língua Portuguesa e Literatura pela SEDUC-MA e pela SEMED - São Luís. Em Literatura de Língua Portuguesa, concentra-se, em seus estudos em: literatura e cultura popular; literatura, paisagens poéticas, memória; literatura e identidade. E-mail: daniellecastrodasilva@gmail.com

⁵³ Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1997). Pós-Doutora com bolsa CAPES, pelo Programa Ciência sem Fronteiras, em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa, sob a supervisão da Profa. Helena Carvalhão Buescu. Bolsista de Produtividade do CNPq - nível 1D. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa: Estudos Teóricos e Críticos em Literatura e em Cultura e Sociedade da UFMA, Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais. Coordenadora do PROCAD-AM (PGCult) com a UEMA (São Luís) e a UESB (Vitória da Conquista). Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: marcia.manir@ufma.br

ABSTRACT: The article seeks to examine the construction of space in Josué Montello's *O Monstro* as a place of memory, based on the fictional environment represented by the home of the character Jerônimo. To this end, we adopt the conceptions of home, by Relph (2014) and house by Bachelard (2008), of topophilia, crowding and spaciousness, by Tuan (2012; 2013), of memory, by Halbwachs (1990), Pollak (1992) and Ricoeur (2007), and Nora's place of memory (1993), as well as Candido's (2009) look at the fictional character and the sense of reality. The narrative is about the story of Jerônimo, a convinced bachelor, who leaves Bahia to Rio de Janeiro in search of a peaceful life as a civil servant, a peace that is shaken by the arrival of his mother, Angélica, who changes the whole dynamics of his life, his home and his direction's life. It works on the idea of the metaphorical construction of a dispute between an imperial reminiscence and the new republican air, a context in which the work is located in Brazilian historical time, seeking to observe how the space of Jerônimo's home corresponds to the construction of a place of imperial memory, in opposition to the alterations undertaken in this environment by his mother.

Keywords: *O monstro*. Josué Montello. Literature. Memory's Place.

INTRODUÇÃO

Na literatura, como na vida, os lugares que marcam situações específicas, a ponto de tornarem-se referenciais para os seres humanos, merecem nossa atenção, à medida que se revelam mais do que mero ambiente: podem se revelar elementos que se integram com a própria existência, considerando o movimento de sair de si e transcender nos espaços.

Nesse sentido, busca-se analisar de que modo, no conto "O monstro", de Josué Montello, surgem elementos constituintes de lugar capazes de criar tais referências, a ponto de tornarem-se *lugares de memória*, observando-se o conceito de Nora (1993), num movimento que passa da memória à história, considerando o contexto da obra.

Jerônimo, brasileiro, baiano residente desde sua juventude no Rio de Janeiro, mais especificamente num apartamento em Santa Teresa, é a personagem em torno da qual gira toda a dinâmica da narrativa montelliana no conto, narrativa esta afetada sobremaneira pela chegada de sua mãe, Dona Angélica, que desestrutura não apenas seu espaço de intimidade, mas sua compreensão como ser, tendo em vista que Jerônimo sequer conseguia mais realizar suas atividades cotidianas com a paz que encontrava habitualmente.

O que parece ser uma história de uma mãe perturbadora e crítica que sai de sua cidade para desordenar a pacífica vida do filho, por mero interesse patrimonial ou por vontade de dar a si mesma o direito de recolher os louros da vida de sacrifícios de seu descendente, vai se

revelando, de modo mais profundo, uma metáfora da disputa entre os saudosos do Império e os entusiastas da nascente República.

SANTA TERESA, JERÔNIMO, ANGÉLICA: ONDE OS MONSTROS HABITAM?

O conto inicia-se com a narrativa de Jerônimo, que recebe uma carta misteriosa de sua mãe. Sua reação não é nada agradável, teme ser perturbado em sua paz por mais uma missiva. “- É mais uma facada, como se eu fosse a própria Casa da Moeda, pronto a sangrar em dinheiro” (MONTELLO, 2001, p. 309), diz o funcionário público, que há anos havia saído da casa materna para constituir sua vida no Rio de Janeiro.

Em meio à ansiedade de saber o que estaria dentro da carta, mas ao mesmo passo, evitando abri-la, como que para evitar o dissabor, Jerônimo relembra sua chegada ao Rio e a escolha de sua modesta residência que, embora modesta, tinha ares de casa imperial: não estava servido com “pratos brasonados” e um “serviço da Companhia das Índias”, pelos “pretos das gravuras de Debret” em “um casarão antigo, recheado de móveis de jacarandá”, como demonstrava desejar no início do conto (MONTELLO, 2001, p.311), mas vivia em um apartamento que buscava mobiliário com elementos que lembravam a vida que desejava ter. E era feliz.

Esse reduto, microcosmo da vida com ares imperiais, era volta e meia visitado por uma antiga companheira de repartição, Noraldina, viúva discreta e animada, que compunha muito bem o cenário de um solteiro inveterado, já que não desejava companhia residindo dentro de casa que não fosse a sua própria. No entanto, Dona Angélica, baiana e com ares de um tufão, chega colocando tudo fora da ordem imaginada por Jerônimo, porém, trazendo a novidade de um lar não só habitado por mais alguém, mas frequentado por muitos vizinhos (a quem Jerônimo mal cumprimentava para não dar intimidade): uma casa de portas abertas.

Sua mãe é alguém que claramente repudia o ambiente de seu filho tal como estava desenhado: era necessário ir-se para fora com as velharias, com os retratos de pessoas que sequer eram da família (quadros com imagens de D. Pedro II e a Imperatriz) e, principalmente, uma marquesa de palhinha, que dizia ser onde se deitavam os defuntos na Bahia.

Uma transfiguração realiza-se em Jerônimo: de homem feliz, uma vida tranquila com certa bonança, sem lembrar da existência de mãe, sobrinhos e irmã (já falecida), com os favores de uma relação casual com sua amiga viúva, passa a ser um homem infeliz, magro, sem muitos recursos para fazer o que fazia antes, e com a vida a parecer um dissabor eterno. Há, nesta altura, o estabelecimento de uma disputa, um verdadeiro duelo, como esclarece Sousa (2021, p. 192):

Podemos encarar o conto ‘O monstro’ como um duelo de território entre a mãe Angélica Nogueira e o filho Jerônimo. A noção de território tem historicidade, tem várias dimensões, sendo aqui veiculada ao caráter político cultural. (...) Angélica não apenas adentra o espaço de intimidade do filho no sentido físico (aloja-se em seu quarto, o mais espaçoso e confortável da casa), como também simbólico, pois, logo ao chegar, inadvertidamente, o faz sentir ‘atordoado e obediente’ (MONTELLO, 2001, p. 324)

É irresistível para Jerônimo a atitude de homem acabrunhado, posto que sua mãe era tão incisiva e não só falava bastante, mas agia. Diante da transfiguração, o leitor tende a se indagar: seria Dona Angélica, apesar da sugestão do cândido nome, um monstro a assombrar a vida do filho? No entanto, observando-se com atenção os indícios deixados pela memória que se estabelece a partir dos elementos constituintes do lugar – grandes reveladores do conflito entre filho e mãe e, por extensão, entre a simbologia do imperial e do republicano (de que tais personagens, nessa ordem, parecem constituir metáfora) –, pode-se chegar a conclusões divergentes.

Não seria Angélica os ventos da República soprando nas memórias imperiais, buscando tornar o império história e, como tal, sem vínculos existenciais com as pessoas do presente? Não seria então, a mãe, a representação do povo e dos ares republicanos, buscando lembrar à figura imperial do filho, apegada aos marcos da tradição que só favoreciam a si mesmo, que não poderia continuar vivendo egoisticamente, como um monstro social, a ignorar os demais?

LITERATURA, MEMÓRIA E LUGAR

A relação entre memória e lugar é resgatada em análise profunda por Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, em que afirma que é *no tempo* que os acontecimentos se realizam e que a nossa linguagem revela essa condição de *ser-no-tempo*. O

próprio conceito vulgar de tempo tende a nivelar o modo temporal, da maneira como se apresenta para nós (de modo datado), no que entra em jogo o discurso da história, tido como, nas palavras de Ricoeur, “ação social capaz de produzir vínculo social e identidades” (2007, p. 396), buscando destituir o modo temporal dessa artificialidade.

Devido a esse caráter nivelador de como o tempo se nos é apresentado, aparece a consequência de tentar preservar os vínculos desse modo temporal, e é assim que surge a *memória*. Para Pollak (1992), a memória é seletiva, em parte herdada, construída e estruturada pelas preocupações do momento. Diz o autor (*ibid*, p. 5): “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente resultado de um verdadeiro trabalho de organização”.

Esse trabalho de organização pauta-se em vínculos constituídos de maneira coletiva, ainda que a memória seja individual. É o que afirma Halbwachs (1990), pois a memória seria mais que um aglomerado de lembranças. Lembranças constitutivas de memória precisam ser significativas e apresentam-se diante da existência vinculada a um grupo, ainda que o grupo esteja ausente no momento de sua realização. Afirma Halbwachs (*ibid*, p. 36):

É por isto que, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo “esteve só”, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, em que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade.

Assim, a memória individual aparece como um ponto de vista sobre uma memória que é, de todo modo, coletiva e muda conforme o lugar que se ocupa, segundo as relações que temos com outros meios.

Nora (1993) aponta um fenômeno de certo modo recente e que interfere na memória coletiva das nações, por mudanças promovidas pela maneira como o ser humano tem se relacionado com o mundo que o circunda, a que chama “o fim da história-memória”, que aparece após o auge do crescimento industrial e diante da globalização: “É o mundo inteiro que entrou na dança, pelo fenômeno bem conhecido da mundialização, da democratização, da massificação, da mediatização” (*ibid*, p. 8).

Esse fenômeno de que fala Nora (*ibid.*) identifica-se com a transformação do que era memória coletiva das nações em história, dada a falta de vínculo promovida pelo fenômeno da *aceleração*, que é própria desse momento da humanidade, em que os seres humanos compreendem que existe um *poder de mudança*, acompanhado da produção de uma necessidade de *dever de mudança*, pelo que, no entendimento do autor, somos sociedades condenadas ao esquecimento. Assim, por esse processo, a história assoma como vestígio de algo que já foi memória, pelo vínculo que produzia com os habitantes da nação, que buscavam mantê-lo vivo através de seus *lugares de memória*, num esforço a que chama de *memória-dever*.

Advindo de sentimentos de continuidade residual, pode-se dizer que “Há lugares de memória porque não há mais meios de memória.” (*ibid.*, p. 7). *Lugares de memória* podem ser compreendidos, numa leitura ampla, como inscrições sobre a escrita e o espaço, não sendo meros lugares no sentido topográfico, mas “marcas exteriores (...) nas quais as condutas sociais podem buscar apoio para suas transações cotidianas” (*apud* RICOEUR, 2007, p.415).

Afirma, pois, Nora (1993, p. 9): “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.” Trata-se mesmo de uma “memória dilacerada”, ou como diria o autor (*ibid.*, p. 12): “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. Se ainda há, no entanto, alguma vida simbólica constituída pelo lugar, de representação e criadora de vínculo com os presentes, pode-se dizer que ele não passou a ser *lugar de história*. Se não há intenção de memória, não há conexão simbólica entre os lugares e as pessoas, estabelecida pelo rememorar do tempo, no entanto, o que era memória transformase em história. E o que isto tem de relação com a literatura?

Afirma Ricoeur (2007, p. 401) que “[...] a literatura constitui um laboratório verbal, retórico e poético, de uma inacreditável força de elucidação, de discriminação e até mesmo de teorização. O histórico contado e o mnemônico experimentado se recruzam na linguagem”. O papel do texto literário, diante dessa discussão, é o de estabelecer, muitas vezes, pontos de contato entre memória, suscitada pelas escritas, e o presente, para que o passado não vire uma espécie de história distante e datada. Não seria a literatura mera “fonte histórica”, como alguns supõem. A palavra literária permite o aflorar da memória, produzindo, muitas vezes, sentido e conexão com a história de modo vivo, embora sem o compromisso de estabelecer uma história “correspondente ao real”.

Embora envolvida com certo contexto histórico, a literatura, enquanto arte, ainda que tematize a história, ainda que aponte para personagens, lugares ou momentos históricos, inaugura um outro elemento, que é sempre presente para quem lê, que é atualizado pela narrativa em si e pelo evento da recepção do texto. O seu compromisso é com a ficção, ainda que beba das águas do não ficcional. Aponta Sarlo (2016, p. 56):

A arte tem à sua disposição todas as delícias da arbitrariedade, pode praticar a intransigência, ser anti-histórica e historicista ao mesmo tempo (...). Na perspectiva estética, o sentido de presente trabalha tanto quanto o sentido de futuro, mesmo quando, nos sucessivos reordenamentos se incluem materiais da tradição histórica: por isso, o ato estético tem certo aspecto fundador, nascido da convicção de que não se agrega cumulativamente a um processo, mas aspira a inaugurá-lo.

E é nesse aspecto fundador que vai fazer aliança com o mnemônico, pois atualiza momentos históricos a partir de uma vinculação que não se pretende necessariamente cronológica ou fidedigna em relação ao tempo histórico, no sentido de um historicismo, mas cria algo novo que poderá remeter a um passado existente na memória coletiva, a que o leitor, pela narrativa, poderá se vincular, produzindo suas próprias memórias a partir da experiência da leitura. Conforme as palavras de Brandão (2013, p. 72):

A literatura também é o processo segundo o qual a realidade se corporifica – processo da ficção, por meio do qual a indeterminação do imaginário ganha algum nível de determinação, processo pelo qual o horizonte de relações possíveis converge para uma série específica de relações. A literatura é ainda a manifestação da irremovível presença – dada pela negativa, ou seja, como campo contrastivo – do imaginário, do horizonte difuso, campo de indeterminação, condição de possibilidade de quaisquer determinações. Nessa conjuntura teórica, o espaço literário passa a ser interrogado ao mesmo tempo como produto (isto é: obra, corpo, dado, referência), como relação (ou seja: operação, atribuição, articulação) e como condição (tanto de identificação de produtos quanto do estabelecimento de relações).

Assim que a literatura realiza o que está na imaginação, em presença, a partir da intervenção pela leitura. Essa realização não significa, no entanto, reprodução de fatos que não sejam de compromisso com o imaginário. No que diz respeito à personagem, segue esse caráter ficcional, sem compromisso com um retrato do factício, mesmo que seja deliberadamente a

remontagem de alguém que teve sua existência na realidade histórica. Afirma Candido (2009, p.69) que

Nesse caso, deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras.

Isso porque, segundo o autor, analisando as ideias de Mauriac, o escritor ancora-se na sua própria memória para extrair seus “elementos de invenção”. A partir dessa compreensão, tal memória poderia ser correspondente a uma memória coletiva chamada *memória da nação*, nos termos de Nora (1993), como vida, “carregada por grupos vivos”, a que, por exemplo, pertence Josué Montello.

O escritor maranhense, em *O monstro*, busca remontar, através da construção ficcional do lugar que é moradia, lar da personagem Jerônimo, nesse conto, e de suas tensões com a chegada da mãe, uma discussão política que tem *locus* na vida real da nação: o conflito entre o passado histórico, através de uma personagem anacrônica e muito simbólica dos cidadãos apegados a tradições de elite, sem identificação popular, e o presente, através de uma personagem representativa do olhar “do povo” e imbuída do sentimento nacional que transparece o republicano.

ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA: UMA LEITURA DE “O MONSTRO” A PARTIR DOS LUGARES DE MEMÓRIA

O enredo de *O monstro* situa-se, quase que concentradamente, no ambiente do apartamento da personagem Jerônimo, representação maior da ideia de *lar*, construído de maneira bastante pensada e meticulosa para tentar estabelecer naquele espaço um reduto imperial, um último resquício do Brasil antes da República, forma de governo que a personagem afirma que será muito em breve derrubada, com o re-estabelecimento do Império.

É fundamental percebermos o que, junto com a ideia desse *lar imperial*, se constitui na narrativa. Bachelard (2008), em *A poética do espaço*, analisando fenomenologicamente os

valores da intimidade do espaço da *casa*, afirma que é um lugar a que atribuímos um sentimento de proteção, de maternidade, de berço, um lugar que nos constitui e tem o *valor de concha*. Todo nós teríamos uma *casa da lembrança* correspondente à *casa natal*, que estaria fisicamente inscrita em nós e que inscreve em nós as diversas hierarquias da função de habitar.

O espaço, até mesmo se considerado de forma material, não é fechado em si, indiferente. A matéria estabelece relações com o humano, seja como acolhimento, seja como ameaça. (DARDEL, 2015, p. 8). Com os espaços pelos quais passamos e em que muitas vezes nos detemos, ao longo da vida, tendemos a existencialmente manter relações, sejam elas intensas ou fracas, de aversão ou de afetividade. Nos termos de Tuan (2012, p. 136), seria *topofilia* o conjunto de “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural”, que difeririam entre si por sua intensidade, sutileza e modo de expressão.

Acontece que em “O monstro”, Jerônimo parece desenvolver pela *casa natal* uma espécie de repulsa, um sentimento contrário ao descrito por Tuan, a que pode se chamar *topofobia*, que é tão grande, que o faz, após a morte do pai, sair muito jovem da casa materna. De todo modo, percebe-se: é a casa de referência para a qual deseja constituir no futuro, já enquanto adulto, um oposto.

Assim, busca realizar a sua concepção de *lar* ideal, bem longe da Bahia, onde nascera e onde vivem a mãe e a irmã. Desse modo, encontra no Rio de Janeiro, mais especificamente em Santa Teresa, esse lugar ideal. A escolha por Santa Teresa não é aleatória, como se vê na leitura do conto:

Antes de se instalar nas três peças de seu apartamento, Jerônimo subira muitas e muitas vezes a Santa Teresa, nas tardes de domingo, sempre só, paletó abotoado, e passeara a pé vagarosamente, sonhando viver numa daquelas casas antigas, servido por um preto velho, entre gravuras de Debret, móveis de jacarandá, retratos da família imperial, pratos brasonados e um serviço da Companhia das Índias adornando o mármore de aparador – sem esquecer o piano de cauda, para tocar nas horas felizes um trecho de Mozart ou Chopin. (MONTELLO, 2001, p.311)

Percebe-se muito claramente a construção de um espaço idílico, inspirado em tudo e por tudo no ambiente imperial, demonstrando o firme apego de Jerônimo a esse momento da história, o que já não caberia para a realidade republicana. Assim, eis um lugar que corresponde, finalmente, ao *lar* desejado pela personagem desde a juventude e que não encontrara

ancoramento na casa materna. Esclarece Relph (2014, p. 24) que *lar* “é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, onde se pertence”.

O pertencimento e o sentimento topofílico de Jerônimo em seu apartamento, apesar de mais modesto do que desejava, permeiam toda a narrativa. Os elementos constituintes desse sentido topofílico são bastante simbólicos para a personagem, que constitui um verdadeiro apego a cada um de seus móveis e objetos.

Infelizmente, porém, o destino não nos avia o sonho pela medida das encomendas, e quase sempre nos dá a menos o que lhe pedimos a mais. Em lugar da casa, Jerônimo teve de contentar-se com um modesto apartamento, como se contentou também com um Bechstein pequeno, em vez do Essenfelder de cauda, próprio para concertos, que tanto desejava possuir. Enfim – reconheceu, suspirando – realizara o seu ideal: morava em Santa Teresa, e o apartamento era seu (com a condição de pagá-lo em vinte anos, pela Tabela Price). Aos poucos, sem pressa, graduando as compras pela magra bolsa, mobiliou os três aposentos à feição de seus devaneios[...]. (MONTELLO, 2001, p.312)

O cuidado na escolha de cada objeto e nas compras, feitas a longo prazo, denotam a importância de cada elemento. Há objetos e móveis mais destacados na narrativa, aos quais cabe dar relevo nessa análise. Um primeiro é a “floreira de Sèvres”, em que se podia avistar um “fauno ébrio” e uma “bacante nua”, “enlaçados na mais completa comunhão carnal” (*ibid.*, p. 312).

A floreira é retrato da sua sensação de *espaciosidade* dentro do seu lar, posto que, sendo solteiro, não havia nenhum inconveniente em deixar tal peça à mostra. Identifica Tuan (2013, p. 78) a *espaciosidade* com “a sensação de ser livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaços suficientes em que atuar”. Tal *espaciosidade* é ameaçada frontalmente quando, após a morte de sua irmã, sua mãe Angélica resolve mudar-se para a casa de Jerônimo, imprimindo sensação totalmente diversa à personagem saudosa do império, sensação a que Tuan denomina *apinhamento* (*ibid.*, p. 78):

A companhia dos seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de *espaciosidade* passa ao seu oposto – *apinhamento*. O que é *apinhamento*? Podemos dizer que uma floresta está *apinhada* de árvores e um quarto está *apinhado* de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos

apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar do espaço.

Observe-se que não é a mera presença de mais uma pessoa no ambiente do apartamento que traz essa sensação a Jerônimo, pois recebe visitas frequentes de sua amiga viúva, com quem tem uma relação afetiva descompromissada, mesmo porque não é alguém que vá para morar ou que deseje interferir no espaço seu idílico. O contrário se passa com sua mãe, que não só chega sem convite, como busca remover do ambiente todas as reminiscências que são traços da história imperial ou têm esse sentido para Jerônimo.

Maior alegoria encontra-se em uma peça de mobiliário sobre a qual há disputa evidente entre mãe e filho: uma marquesa de palhinha. Para Jerônimo, a marquesa é símbolo de requinte dos tempos imperiais, que fazia questão de reviver em seu lar: havia pertencido ao Barão de Saquarema. Para a mãe, era um sofá onde se recostavam os defuntos, deixando muito clara a simbologia em torno do movimento republicano que tomava seu espaço, ao tomar a decisão de se desfazer, sem o consentimento do proprietário, do móvel, trocando-o por um sofá mais adequado ao momento em que viviam. Nas palavras da mãe:

– Tu vais dormir nesse sofá, criatura? Então tu não sabes que aí que se deita defunto, lá na Bahia? Não, tem paciência: não me venhas com esse mau agoiro. Amanhã, manda esse sofá embora; o que fica bem aí é um sofá-cama, desses modernos, que se abre de noite e fecha de dia. (MONTELLO, 2001, p. 327)

O defunto a espichar o corpo era a própria representação do Império, expurgado pela República e seu senso de modernidade, alegorizado pela ideia do sofá-cama substitutivo. Muito embora ao fim da narrativa outra personagem venha a tomar o lugar defunteiro, é personagem que não morre, pois revive na admoestação dos vizinhos de Jerônimo. Deixa-se claro: a República veio para ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se constitua um *lugar de memória*, na concepção de Nora (1993), é necessário que haja um sentimento residual, sentimento este que se refere a uma memória que ultrapasse

o indivíduo e que seja fortalecedora de uma ideia de *memória-nação*, já enfraquecida pelos movimentos de *aceleração* promovidos pós Estado Moderno.

Em *O monstro*, Josué Montello cria uma narrativa que gira em torno de uma personagem anacrônica, Jerônimo, que foge da casa materna na Bahia e vai viver no Rio de Janeiro, buscando criar o *lar* que nunca teve, pois desejava construir para si a sensação de *espaciosidade* que não lhe era possível diante da presença da mãe, com quem fora obrigado a conviver após o falecimento paterno. Sua mãe, Dona Angélica, depois da morte de sua filha e buscando não depender de seu genro, vai ao encontro do filho Jerônimo em terras cariocas, muito embora não tenha sido convidada.

O que aparentemente se estabelece é uma disputa de território entre mãe e filho: uma mãe tirânica e um filho egoísta. Porém, se observarmos, o conto recria ficcionalmente um embate entre elementos imperiais e republicanos, simbolizados, respectivamente, por Jerônimo e Angélica.

Jerônimo, na tentativa de manter uma memória imperial viva dentro de seu lar – o que lhe trazia um sentimento topofílico intenso – cerca-se de elementos que fortalecem a ideia da nação que desejava que retornasse e que, mesmo que os fatos fossem contrários, acreditava que se concretizariam: o Brasil imperial. Gostava de ser chamado de barão pelo funcionário do bonde e, quando se manifestava sobre política na repartição, era sempre se referindo à hora em que o exército subiria a Petrópolis para restaurar a monarquia.

Para criar um lugar representativo de todo esse anseio e sentimento em torno do Império, faz de seu apartamento um *lugar de memória* imperial, desde a escolha do bairro (Santa Teresa, em que identifica uma paisagem de casarões antigos e coloniais) até a escolha do mobiliário e objetos de composição de seu modesto apartamento de três peças: a floreira de Sèvres, a marquesa de palhinha, os retratos do Imperador e da Imperatriz, a arca, os santos, os pratos da parede, o piano e a escrivaninha, entre outros. O que permite analisar tal ambiente literário como *lugar de memória* é a ideia de vestígio, de continuidade residual, que Jerônimo busca estabelecer. E se cria um *lar* como um *lugar de memória* alusivo ao Império, é porque não há mais meios de memória, o que deixa claro o estabelecimento da República naquele ambiente, simbolizado por sua mãe.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. *In: A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BRANDÃO, Luís Alberto. O espaço na teoria da literatura. *In: Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DARDEL, Eric. O espaço geográfico. *In: O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. *In: A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- MONTELLO, Josué. O monstro. *In: Um rosto de menina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História 10**. História e Cultura. v. 10. jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> . Acesso em: 15. jan. 2023.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> . Acesso em: 15. jan. 2023.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In: MARÂNDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RICOEUR, Paul. História e Tempo. *In: A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SARLO, Beatriz. Um olhar político. *In: Paisagens imaginárias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- TUAN, Yi-fu. Topofilia e meio ambiente. *In: Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. Espaciosidade e Apinhamento. *In: Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

SOUSA, Gladson Fabiano de Andrade. Apinhamento e espacialidade no conto “O monstro”.
In: FEITOSA, Márcia Manir Miguel. (org). **Experiências da memória e do espaço em Josué Montello: leituras da geograficidade**. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2021.